

O CHAMADO DE PAULO

Da solidão à família universal

Por Ricardo Baraviera

A conversão de Paulo é momento crucial na História da cristandade. A trajetória do perseguidor que se tornou cristão é prova da força do Evangelho em nossos corações. Retratada em Atos dos Apóstolos¹ e aprofundada na obra Paulo e Estêvão², mostra o complexo processo de transformação interior, que nos serve de exemplo.

E não digamos, comodamente, que “era Paulo”, porque não era. Tornou-se Paulo, do mesmo modo que todos venceremos nossas dificuldades para nos transformarmos em algo melhor, haja vista que a pureza de espírito é o destino de todos nós.

Paulo colocou-se em primeiro perseguidor dos cristãos, quando ainda usavam a denominação caminho ou caminheiros³. Indo a Damasco em busca de Ananias, teve seu encontro com Jesus:

³E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu.

⁴E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

⁵E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões.

⁶E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer.

(Atos dos Apóstolos, 9)

Nesse instante, finalmente Paulo (ainda chamado Saulo) escutou seu chamado ao Cristo. Finalmente porque, conforme a história registra, este não foi o primeiro. O futuro incansável apóstolo conheceu o cristianismo em Jerusalém, indo à Casa do Caminho⁴, aproveitando a oportunidade apenas para exercer seu poder e vaidade de então.

Acusou Estêvão e, no forjado processo, ouviu sua sublime defesa do Evangelho e presenciou a coragem do mártir na defesa do Cristo.

Comandando o apedrejamento, teve oportunidade de presenciar a força da Boa Nova ao receber a plena compreensão de Estêvão, enquanto estertorava, ao descobrir que Abigail, amada irmã da qual fora separado e cujo paradeiro desconhecia, era noiva do algoz:

— Cristo os abençoe... Não tenho no teu noivo um inimigo, tenho um irmão... Saulo deve ser bom e generoso; defendeu Moisés até ao fim... Quando conhecer a Jesus, servi-lo-á com o mesmo fervor... Sê para ele a companheira amorosa e fiel...⁵

¹ Cap. 9

² Psicografada por Chico Xavier, sendo contata pelo espírito Emmanuel, a partir de informações coletadas no plano espiritual.

³ Lucas foi quem propôs o nome cristãos, conforme relatado na obra Paulo e Estêvão: “Não vejo na palavra “caminho” uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço, Os discípulos do Cristo são chamados viajores”, “peregrinos”, “caminheiros”. Mas há viandantes e estradas de todos os matizes, O mal tem, igualmente, os seus caminhos, Não seria mais justo chamarmo-nos — “cristãos” — uns aos outros?”

⁴ Instituição cristã fundada pelos apóstolos em Jerusalém, para acolher os desvalidos do mundo e divulgar a vida e doutrina do Mestre.

⁵ Da obra Paulo e Estêvão

Paulo ainda ignorou o chamado vindo da própria Abigail, que abraçou o cristianismo a partir de conversas com o justo ancião Ananias. Ao contrário, tendo Abigail falecido, foi a Damasco justamente em perseguição a Ananias, culpando-o por sua desventura amorosa. Na estrada de Damasco finalmente compreendeu o chamado. O homem orgulhoso humildemente ofereceu-se ao Messias, como bom cordeiro: “que queres que eu faça?”

Mas seria ilusório crer que o chamado ensejaria a plena transformação. O homem velho fora tocado, mas permanecida ali, e é sobre essa jornada que gostaríamos de conversar, pois é a jornada de cada um de nós.

Embora o tempo dos apedrejamentos e martírios tenha passado, aquele que se pretende discípulo, precisa cumprir uma jornada dura para atingir seu propósito, pois não se trata de enfrentar o Império Romano ou todo o tipo de intolerância: – o tempo é de luta contra si mesmo.

Aproveitando a jornada de Paulo, e sem adentrar todos os meandros do processo, gostaríamos de destacar a solidão do apóstolo, ao mesmo tempo que construía as mais sólidas amizades, culminando com a amizade do próprio Jesus.

Paulo, após o encontro com o Cristo, chega a Damasco, cego, tendo a visão restituída por Ananias, o benfeitor a quem perseguia.

Recuperado, Paulo vai em busca das pessoas e dos ambientes conhecidos, tencionando revelar sua descoberta. Mas a reação não poderia ser outra. Paulo é ridicularizado, tido por louco ou em devaneios por conta do sol causticante do deserto. Desolado, recebe sábio conselho de Ananias:

— o Senhor conferiu-te a tarefa do semeador; tens muito boa vontade, mas, que faz um homem recebendo encargos dessa natureza? **Antes de tudo, procura ajuntar as sementes no seu mealheiro particular**, para que o esforço seja profícuo.... **É preciso morrer para o mundo, para que o Cristo viva em nós...**

Buscando orientação, procura o velho mestre Gamaliel, que o recebe com o carinho dos verdadeiros amigos. Contudo, em sua senectude, já prevendo o chamado da Natureza, e sendo ele mesmo objeto de incompreensão, recomenda a Paulo o reinício da jornada como tecelão:

— Foste humilde tecelão antes de conquistares os títulos honoríficos de Jerusalém... Agora que te candidatas a servir ao Messias na Jerusalém da humanidade, é bom que voltes a ser modesto tecelão.

Paulo então segue para o oásis, onde encontra o casal cristão Prisca e Áquila, permanecendo na tecelagem por três anos. Ao final, recebe o convite do casal para seguir a Roma, onde sonham pregar o Evangelho, mas sente a necessidade de reconciliação com os que ofendeu em Jerusalém.

Interrompemos a narrativa para começar a reflexão à luz da jornada do Apóstolo dos Gentios.

Paulo não encontrou guarida na sinagoga, ambiente onde até então brilhava. Reviu o amigo Gamaliel, mas este, cumprindo o termo de seus dias no planeta, e percebendo que, tendo sido dos mais importantes no Sinédrio, apresentar sua conversão ao Evangelho naquele momento, causaria mais confusão que benefício, não pode acolher a Paulo, recomendando o deserto.

No deserto, sim, Paulo fez amigos para toda a vida e, na verdade, para a eternidade. Contudo, ele sabia que era necessário se reconciliar com o passado.

Assim, vemos de um lado a solidão pelo abandono, e de outro a construção de novas amizades, a começar por Ananias. Mas no fundo o grande deserto interior, a noção plena da necessidade do resgate dos erros do passado, não pelo sofrimento em si, haja vista que este é apenas um percalço no caminho, mas pela reconstrução do que feriu, e progresso das obras e ideias.

Não a culpa estéril que paralisa, mas o senso de responsabilidade e dever.

Então Paulo rumo a Jerusalém, pedindo para falar com os apóstolos. Conhece Barnabé, futuramente um fiel companheiro de jornada, e recebe acolhida não muito calorosa dos apóstolos, ainda desconfiados de toda a história da conversão e, embora recobre a credibilidade, ouve sábio conselho de Pedro:

— De minha parte, não me parece razoável permaneceres em Jerusalém, por enquanto, neste período de renovação. Para falar com sinceridade, **há que considerar teu novo estado d'alma como a planta preciosa que começa a germinar**. É necessário dar liberdade ao germe divino da fé.

Se Jesus não teve onde recostar a cabeça, como poderia o discípulo aguardar o caminho fácil? O Mestre jamais nos enganou. Disse aos discípulos que os enviaria como cordeiros entre lobos, e em outro sublime momento nos ofereceu a sua paz, não a paz do mundo:

“Deixo a paz a vocês, a minha paz vos dou. Não a dou como o mundo dá. Não se perturbe o vosso coração, nem tenhais medo” (Jó 14:27)

Mas Paulo ainda conservava o homem velho, e foi à sinagoga em Jerusalém, recebendo novo recado, dessa vez de Estêvão:

— Retira-te de Jerusalém, porque os antigos companheiros não aceitarão, por enquanto, o testemunho!

Paulo retorna a Damasco, para ver o pai, mas novamente é rejeitado. O então doutor da lei era orgulho da família. Ao deixar tudo para seguir o humilde carpinteiro crucificado, tornou-se um pária. Como golpe fatal, disse que Paulo não mais era seu filho.

Tal gesto emblemático simboliza o efetivo rompimento do apóstolo com seus vínculos materiais. Era chegado o tempo do espírito. Naturalmente, todo o processo trouxe sofrimento e angústia ao grande pregador, conforme narra Emmanuel:

Embalde procurava um meio de harmonizar as circunstâncias, de maneira a cooperar na obra do Evangelho e **todas as portas pareciam fechadas ao seu esforço**.

Nesse momento sublime, Paulo aloja-se em uma gruta nos arredores de Damasco, recebendo a célebre visita espiritual de Estêvão e Abigail:

—Que é isso? Choras? Estarias desalentado quando **a tarefa apenas começa?**

E resumindo as reflexões e angústias de Paulo descritas sublimemente por Emmanuel, descrevemos o diálogo entre Paulo e Abigail:

- Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Cristo?

- **Ama**

- Como fazer para que a alma alcançasse tão elevada expressão de esforço com Jesus Cristo?

- **Trabalha**

- Que providências adotar contra o desânimo destruidor?

- **Espera**

- Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

- **Perdoa**

Paulo então assume-se efetivamente como tecelão, permanecendo por três anos no exercício da profissão em Damasco, ao mesmo tempo em que refletia sobre o Evangelho em sua tenda, compartilhando a sublime palavra de Jesus com inúmeros que ali paravam para conversar.

Passado esse período, chega Barnabé, conforme orientação de Pedro, e o chama para o trabalho na igreja de Antioquia, onde começa efetivamente sua jornada no Evangelho, sem a qual a mensagem do Cristo poderia ter desaparecido do orbe.

*

Vemos aqui uma sublime lição de vida. A mesma solidão vivenciada por Paulo foi a que fortaleceu sua vontade e permitiu que ele se encontrasse para a caminhada e, do outro lado, construísse amizades imortais.

Paulo foi abandonado no mundo, mas não no ambiente fraterno do Cristo. A questão é que precisava de uma jornada interior de transformação.

Como dizer que esteve só aquele que, recém transformado, recebeu o amor de Ananias? De seu preceptor, aquele a quem mais admirava no mundo, Gamaliel, recebeu a compreensão de quem também viera do ambiente muitas vezes tóxico de Jerusalém. No deserto, criou amizade profunda com Prisca e Áquila. Na Casa do Caminho, primeiramente conheceu Barnabé, que se tornaria companheiro de viagens, martírios e pregações. E quanto a Pedro, que acompanhou seus passos por três anos, até sentir o momento de o chamar para o trabalho em Antioquia?

E Estêvão e Abigail, que o estiveram em toda sua trajetória, amparando nos momentos mais difíceis.

E os homens humildes que procuraram sua tenda para saber do Evangelho? Deles não temos nota, mas quantos não se tornaram amigos do tecelão, ouvindo atentamente as lições que Paulo ainda buscava aprender. Quantos desses homens não fizeram questionamentos ou reflexões que acabaram por ilustrar as inoxidáveis epístolas?

Ao ser chamado, Paulo foi compelido à jornada interior, jornada que cobra isolamento do mundo, mas jamais esteve só.

*

Abracemos a lição de Paulo nos momentos de solidão e dor. Não estamos sós, e toda dor é passageira. Se o momento nos coloca nessa situação, aproveitemos para o crescimento, ao invés do desespero inútil, ampliando nossa percepção para coisas maiores, certos de que, se nossos antigos amigos não nos compreenderem, outros, ainda mais fortes, aparecerão.

Em Obras Póstumas, Kardec nos dá sublime lição da beleza do esforço no Evangelho:

Qual não seria, pois, a minha ingratidão, se me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, refiro-me às satisfações morais, sobrelevaram de muito o mal.

Confiemos sobretudo em Jesus, nosso amigo e pastor que ensinou:

Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor.
(João 10:16)

Jesus ampara todos os nossos esforços de transformação.